

INTUITIO

PPGFil/UFFS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <https://doi.org/10.36661/1983-4012.2024v17n2.14560>

SEÇÃO: Dossiê Fenomenologia e Hermenêutica

A (DES)CENTRALIZAÇÃO DO EGO NA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY: DO NASCIMENTO TRANSCENDENTAL À CONSTITUIÇÃO

The (De)centralization of the Ego in Michel Henry's Phenomenology of Life: From Transcendental Birth to Constitution

Piero Disconzi¹

<https://orcid.org/0000-0001-7301-0304>

pierodisconzi1@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca elucidar a constituição do ego transcendental na Fenomenologia da Vida de Michel Henry (1922-2002). Inicialmente, apresentaremos brevemente a constituição de sentido a partir do ego transcendental conforme proposto por Edmund Husserl (1859-1938). Em seguida, discutiremos a problemática deste ego transcendental, visto que, para Henry a fenomenologia husserliana deixa obscura a região de ser do próprio ego. Henry argumenta que o ego transcendental não se constitui por si mesmo; ele é secundário em relação ao que o constitui. O que precede e possibilita o próprio ego transcendental é a região de ser que Michel Henry denomina como Vida. Deste modo, o ego não se autoconstitui, mas ele surge passivamente desta região ontológica a partir do nascimento transcendental. Uma vez que esta Vida é o fundamento, ela é a condição ontológica que possibilita toda a manifestação. Para este estudo, serão utilizadas as obras *L'Essence de la manifestation* (2011), *Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie* (2003), e *Phénoménologie de la vie: Tome III, de l'art et du politique* (2003). Portanto, é necessário compreender como opera a radicalização na Fenomenologia da Vida de Michel Henry para alcançar o sentido do fundamento que constitui o ego transcendental, identificado como região ontológica da Vida.

Palavras-Chave: Constituição. Ego. Fundamento. Nascimento. Vida.

Abstract: This paper seeks to elucidate the constitution of the transcendental ego in Michel Henry's Phenomenology of Life (1922-2002). Initially, we will briefly present the constitution of meaning from the transcendental ego as proposed by Edmund Husserl (1859-1938). Next, we will discuss the problem of this transcendental ego, since, for Henry, Husserlian phenomenology leaves the region of being of the ego itself obscure. Henry argues that the transcendental ego does not constitute itself; it is secondary to what constitutes it. What precedes and makes possible the transcendental ego itself is the region of being that Michel Henry calls Life. In this way, the ego does not constitute itself, but it arises passively from this ontological region from transcendental birth. Since this Life is the foundation, it is the ontological condition that makes all manifestation possible. For this study, the works *L'Essence de la manifestation* (2011), *Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie* (2003), and *Phénoménologie de la vie: Tome III, de l'art et du politique* (2003) will be used. It is therefore necessary to understand how radicalization operates in Michel Henry's Phenomenology of Life in order to reach the meaning of the foundation that constitutes the

¹ Mestrando em Filosofia (UFSM) na linha de Fenomenologia e Compreensão. Tem interesse na área de Fenomenologia, em específico Fenomenologia Francesa. Membro e pesquisador do grupo de pesquisa: Pathos: Fenomenologia material, Intersubjetividade e Religião (CNPq/UFSM).

transcendental ego, identified as the ontological region of Life

Key words: Birth. Constitution. Ego. Foundation. Life.

1 Introdução

Desde seu início, com seu fundador Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia é conhecida por reabilitar o lugar do sentido. Ela o reabilita restaurando a primazia da experiência pré-predicativa do ego que experimenta o mundo em sua plena significação. Dessa forma, a fenomenologia se configura como uma filosofia da primeira pessoa.

No entanto, afirmar que o sentido repousa neste ego seria muito simples. Husserl traça uma teleologia em busca de um fundamento que se distancie das ciências positivas, orientadas pelas teses naturais, que investigam e predicam sobre o mundo sem considerar o seu modo de ser. Tal fundamento é transcendental, e por isso o ego husserliano precisa ser transcendental.

Por transcendental, diz respeito à condição de possibilidade de como um ego experiencia o mundo ou a si mesmo em sua pureza. O sentido dessa pureza está no que Edmund Husserl chama de *epoché fenomenológica* ou transcendental, que consiste em pôr em suspensão todas as crenças, juízos e pré-conceitos das teses naturais. A partir dessa suspensão, volta-se às coisas mesmas, como Husserl diz, para experienciar o mundo como ele é em si mesmo a partir do ego transcendental. Isto implica uma renovação do mundo pelo ego, atribuindo-lhe um sentido.

O ego transcendental é o fundamento da constituição de sentido. É por meio dele que se pode considerar o modo de ser do mundo e dos demais fenômenos, pois ao constituir o sentido, é dado o modo de ser. Mas se ele constitui o sentido do mundo, do horizonte de significatividades, onde reside o seu próprio sentido? Husserl dirá que, pela *epoché fenomenológica*, o ego transcendental é capaz de captar-se a si mesmo a partir das suas próprias vivências intencionais, assim fundamentando o seu próprio sentido (HUSSERL, 2013, p. 122).

Este ego husserliano parece capaz de realizar uma autoconstituição de si mesmo, sugerindo que sempre precedeu seu próprio modo de ser. Observando essa egologia, Michel Henry (1922-2002) argumenta que o ego de que fala Husserl não se constitui por si mesmo. Para a crítica de Henry, o ser do ego não reside nele mesmo; ao contrário, é o ego que reside nesse ser e deve a sua possibilidade transcendental de constituir e atribuir sentido.

Deste modo, o presente trabalho busca elucidar a constituição do ego transcendental na Fenomenologia da Vida de Michel Henry. Inicialmente, apresentaremos brevemente a constituição de sentido a partir do ego transcendental conforme proposto Edmund Husserl. Em seguida, será discutida a problemática do fundamento deste ego transcendental a partir da perspectiva de Michel Henry, pois, para ele, Husserl deixa obscuro a região de ser do ego e não é capaz de dizer como o ego é dado a si mesmo.

Henry argumenta que o ego é secundário em relação ao que o constitui, pois o que precede e o possibilita é a região de ser que o filósofo denomina como Vida. É somente a partir desta região ontológica que o ego é dado a si mesmo, não como uma atividade reflexiva e intencional da consciência, mas de forma passiva, no que Michel Henry chama de *nascimento transcendental*. Para este estudo, serão utilizadas as obras *L'Essence de la manifestation* (2011), *Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie* (2003), e *Phénoménologie de la vie: Tome III, de l'art et du politique* (2003). Portanto, é necessário compreender como opera a radicalização na Fenomenologia da Vida de Michel Henry para alcançar o sentido do fundamento que constitui o ego transcendental, identificado como região ontológica da Vida.

2 A constituição de sentido a partir do ego transcendental

A fenomenologia husserliana é, além de uma ciência de essências, uma ciência dos sentidos. Husserl define sentido como o conteúdo dos atos da consciência intencional². A consciência é sempre consciência 'de' algo, e o sentido é precisamente o que é atribuído ao objeto quando se possui consciência 'de' algo. Na fenomenologia de Edmund Husserl, o que fundamenta e possibilita o sentido é a *consciência transcendental*.

Para chegar neste fundamento, a fenomenologia opõe-se contra a visão ingênua das ciências positivas, que predicam e agem sobre o mundo sem antes considerá-lo como ele é em si mesmo. Essas ciências operam no mundo como ciências de fato, desconsiderando o modo de ser e o sentido que ele possui. Elas agem objetivamente e consideram o mundo enquanto mera facticidade, ignorando a relação que o mundo pré-predicativo, em sua pura

² Cf. Investigação quinta: sobre vivências intencionais e seus conteúdos (p. 294) em: **Investigações lógicas**: segundo volume parte I: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento / Edmund Husserl; tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Alberto Morujão. - Rio de Janeiro: Forense. 2015.

significação enquanto fundo de experiência, tem com aquele que o experimenta em absoluto: o sujeito.

Nesse sentido, a fenomenologia de Husserl apresenta-se, primeiramente, como uma *filosofia do sujeito*, em contraposição ao objetivismo característico do pensamento científico em geral. Ela o faz afirmando a dimensão da consciência, isto é, *o ser na primeira pessoa, o “eu sou”*, como fundamento de todo sentido de ser possível, inclusive o de “realidade”, contra a matéria fisicamente definida como uma espécie de ser “em si” no sentido de transcendente à subjetividade humana: o ser na terceira pessoa, o “isto” (FURTADO, 2019, p. 14).

Sendo uma filosofia da primeira pessoa, afirmando a dimensão da consciência equivalente a “eu sou” como fundamento, cabe esclarecer como Husserl fundamenta esse “eu”, distinguindo-o do eu imerso na atitude natural em orientação ao mundo. Seguindo o passo das *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (2006) e das *Meditações cartesianas* (2013), nota-se o empreendimento husserliano em se distanciar do mundo e das esferas de vivências de um eu empírico com seus conteúdos incluídos nas objetividades da natureza, para se ater ao sentido da consciência ou ego transcendental.

Husserl destaca que, no âmbito da facticidade, tudo é contingente e carece de um fundamento sólido. Se não há um fundamento firme na orientação natural, conseqüentemente este eu empírico não pode ser o fundamento constituinte de sentido, uma vez que a contingência das teses naturalistas pode resultar em um ceticismo³. Para alcançar o ego transcendental, é necessária a aplicação da *epoché fenomenológica*.

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses [...] Se assim procedo, como é de minha plena liberdade, então não nego este “mundo”, como se eu fosse sofista, não duvido de sua existência, como se fosse cético, mas efetuo a εποχή “fenomenológica”, que me impede totalmente de fazer qualquer juízo sobre existência espaço-temporal (HUSSERL, 2006, p. 81, grifos da edição).

Ao efetuar a *epoché fenomenológica*, não se suspende apenas os pré-conceitos sobre o mundo natural, mas também se coloca entre parênteses o eu empírico com seus objetos

³ Sobre a reflexão de orientação natural, Husserl afirma: “ao refletir de modo natural sobre o conhecimento e ao ordená-lo, junto com seu êxito [Leistung], no sistema natural do pensar das ciências, cai-se inicialmente em teorias atrativas, mas que terminam toda vez em contradição ou em contrassenso. - Tendência ao ceticismo declarado” (HUSSERL, 2020, p. 57).

fáticos e ônticos. Por que o eu empírico deve ser posto entre parênteses? Justamente para fundamentar o terreno de investigação, o ego transcendental deve superar a identificação com este eu empírico e a dimensão do conhecimento natural (GALEFFI, 2000, p. 21). Ao superar a identificação com o eu empírico e seu orientar-se na atitude natural pela *epoché fenomenológica* também entendida como *redução transcendental*, chega-se ao terreno do ego transcendental. Em *Ideas I*⁴, Edmund Husserl refere-se à consciência como o resíduo fenomenológico que não é atingido pela redução.

[...] a evidência de que a consciência tem em si mesma um ser próprio, o qual não é atingido em sua essência própria absoluta pela exclusão fenomenológica. A consciência remanesce, assim, como “resíduo fenomenológico”, como uma espécie própria por princípio de região do ser, que pode, com efeito, tornar-se o campo de uma nova ciência — a fenomenologia (HUSSERL, 2006, p. 84, grifos da edição).

Ao permanecer como uma região de ser e tornar-se campo da fenomenologia, a consciência implica na adesão à esfera do conhecimento transcendental, tomando em consideração o modo como as coisas aparecem para a consciência. Deste modo, a fenomenologia, sendo uma filosofia da primeira pessoa, tem por tarefa preparar o terreno para o surgimento da compreensão dos atos intencionais que constituem a consciência, independente do conhecimento empírico. Através da *epoché fenomenológica* é realizado o retorno ao ego transcendental enquanto terreno de fundamentação pondo em suspenso o mundo circundante. Isto significa o abandono do mundo? Pelo contrário, o retorno ao ego transcendental é, justamente, a constituição do *sentido* por aquele que experiencia o mundo em primeira pessoa.

Através da **εποχή** fenomenológica, reduzo o meu eu natural humano e a minha vida anímica — o domínio da minha *autoexperiência psicológica* — ao meu eu fenomenológico-transcendental, ao domínio da *autoexperiência fenomenológico-transcendental*. O mundo objetivo, que é para mim, que para mim era e há-de ser, o único que para mim pode ser, com todos os seus objetos, ganha a partir de mim próprio, digo eu, todo o sentido e validade de ser que tem de cada vez para mim, a partir de mim enquanto aquele eu transcendental que entra em cena, por vez primeira, precisamente com a **εποχή** transcendental-fenomenológica (HUSSERL, 2013, p. 63, grifos da edição).

⁴ Utiliza-se o termo *Ideas I* pois sabe-se que Husserl pretendia transformar este projeto da virada transcendental em três livros: i) *Ideas I* (1913), que introduz os fundamentos fundamentais da fenomenologia; ii) *Ideas II* (publicado postumamente em 1952), que trata da constituição do aparecer, além de uma reflexão que se volta para o ato intencional em si, não apenas para o ato que está direcionado ao objeto, isto é, sua gênese; iii) *Ideas III* (publicado postumamente em 1952), que trata da relação entre fenomenologia e ontologia.

O retorno ao ego transcendental é restaurar e fundamentar a experiência pré-predicativa do mundo, é afirmar que o eu percebe pela *intuição doadora originária*⁵ o mundo e os demais objetos na sua ipseidade *de carne e osso*⁶. O mundo é dado em seu sentido ao ego transcendental antes de seu ser, isto é, o ser do mundo reside no sentido constituinte deste ego (DEPRAZ, 2007, p. 40). Deste modo, a constituição do ser é determinada pelo aparecer da consciência entendida como ego transcendental.

A *redução transcendental* suspende quaisquer juízos e pré-conceitos sobre o mundo para poder se apropriar mais tarde dele pelo sentido constituído pelo ego transcendental. Deve-se lembrar que a fenomenologia almeja ser uma ciência eidética descritiva a partir deste fundamento último, mas a descrição implica a linguagem para descrever o que é constituído pelos sentidos. Ora, como foi exposto, no campo do conhecimento transcendental é suspenso qualquer juízo predicativo de validade em geral, então a própria linguagem também seria passível de ser reduzida para Husserl? Em caso afirmativo, não seria aí necessária uma outra linguagem para dizer o sentido em sua pureza fenomenológica? De acordo com André de Muralt, a linguagem não seria reduzida:

A linguagem é o lugar dos sentidos puros, é o mundo reduzido, tanto que Husserl não pensa jamais em reduzi-la: “vivendo” na linguagem, o fenomenólogo pode assim viver naturalmente o mundo natural na epoché, segundo a curiosa expressão de *Krisis*, pois a linguagem é sentido puro. Ela é, portanto, imediatamente, objeto de descrição fenomenológica e o ponto de partida da dimensão fenomenológico-descritiva. A percepção, ao contrário, é a constituição originária de todo sentido possível e é a dimensão fenomenológico-transcendental que se inaugura com ela (MURALT, 1998, p. 15).

Nota-se o esforço husserliano pela *redução transcendental*: suspender os juízos e pré-conceitos não significa pôr em suspenso a linguagem, mas sim liberá-la. A fenomenologia visando ser uma descrição eidética das experiências de um eu singular, precisa de uma linguagem. Mas essa linguagem deve ser secundária e deve contemplar os modos de aparecer em que o fenômeno se doa na experiência pré-predicativa. Logo, quando o mundo está posto fora de circuito, a linguagem permanece como a base dos sentidos puros, que são

⁵ Introduzido por Husserl no §24 das *Ideas I* (1913), na página 69 da tradução portuguesa, a intuição doadora originária é uma forma legítima de conhecimento. Ela é o princípio dos princípios, sendo também entendida, na sua primeira definição de experiência, como percepção em que as coisas se dão diretamente à consciência, isto é, as coisas se dão à intuição que lhes dá significado (HUSSERL, 2006, p. 69).

⁶ Dar-se em ipseidade de *carne e osso*, na terminologia husserliana, significa que a coisa se dá em presença imediata à intuição, se apresentando de forma direta à consciência que lhe dá significado.

constituídos a partir do ego transcendental para descrever o mundo e os seus objetos como são em si mesmos.

Não jogaremos, pois, a experiência contra a linguagem, por um lado porque a linguagem é ela mesma o lugar de uma experiência insigne e privilegiada, e, por outro, porque, para nos darmos conta de nossa experiência, comunicá-la aos outros, partilhá-la, em suma, objetivá-la dotando-a assim de uma qualidade de verdade intersubjetiva, precisamos fazer uso de uma linguagem (DEPRAZ, 2007, p. 32).

A consciência transcendental, compreendida fenomenologicamente, é a região de ser em que se fundamenta os múltiplos modos de aparecer dos objetos; neste caso, ela é o aparecer primeiro. Isso significa que, pela *epoché fenomenológica*, retornamos ao ego transcendental como o aparecer para o qual as coisas aparecem e lhes é constituído sentido. O ego transcendental é o centro e a essência da manifestação de todo aparecer possível (FURTADO, 2019, pp. 14-15). Se ele é a essência da manifestação, é também a essência de seu próprio ser na medida em que há a possibilidade de uma *captação originária de si mesmo*. De acordo com Husserl em *Ideas II*⁷:

À ESSÊNCIA DO EU PURO PERTENCE, PORTANTO, A POSSIBILIDADE DE UMA CAPTAÇÃO ORIGINÁRIA DE SI MESMO, DE UMA "PERCEPÇÃO DE SI MESMO", mas também a possibilidade de modificações correspondentes da captação de si mesmo, ou seja, de uma lembrança de si mesmo, de uma fantasia de si mesmo e coisas do gênero⁸. (HUSSLERL, 1997, p. 137, tradução nossa).

Tal captação originária é justamente um movimento de retorno a gênese constitutiva, isto é, as vivências que pertencem ao ego transcendental. Pela *epoché fenomenológica* visa-se a percepção originariamente do ego, mas também nos atos de recordar e imaginar. Neste sentido, a essência do ego é constituída no campo transcendental em que ele próprio é tematizado por si mesmo, isto é, em cada ato intencional está captada de modo originário a essência deste ego.

Introduzidos, neste primeiro momento, os passos de Edmund Husserl para a constituição de sentido a partir do ego transcendental e a fundamentação das diversas

⁷ IDEAS RELATIVAS A UNA FENOMENOLÓGÍA PURA Y UNA FILOSOFÍA FENOMENOLÓGICA. Libro segundo: investigaciones fenomenológicas sobre la constitución. Traducción de Antonio Ziri6n Q. Colecci6n: Filosofía contemporánea. Universidad Nacional Aut6noma de M6xico, 1997.

⁸"A LA ESENCIA DEL YO PURO PERTENECE, PUES, LA POSIBILIDAD DE UNA CAPTACI6N ORIGINARIA DE SÍ MISMO, DE UNA "PERCEPCI6N DE SÍ MISMO", pero luego tambi6n la posibilidad de las correspondientes modificaciones de la captaci6n de sí mismo, o sea, de un recuerdo-de-sí-mismo, fantasía-de-sí-mismo y similares."

regiões de ser em referência a este fundamento, cabe-se agora perguntar: em que reside a constituição e o fundamento do próprio ego transcendental? O procedimento efetuado pela *epoché fenomenológica* permite atingir o caminho teleológico da razão husserliana em que as coisas mesmas se dão em si mesmas a um ego que as vivencia em primeira pessoa, e que também pode ser compreendido como um retorno à origem da constituição. Mas ao realizar a *redução transcendental* e o retorno ao ego, pode-se afirmar que o ego transcendental é o último fundamento para a fenomenologia? Para responder a estas perguntas, faz-se necessário analisar a ontologia do ego transcendental operada no início da obra *L'Essence de la manifestation* (2011) de Michel Henry.

3 Desencantando o ego transcendental na Fenomenologia da Vida

Na introdução de *L'Essence de la manifestation*⁹, Michel Henry aborda a problemática do ser do ego. Para Henry, desde a filosofia moderna até a filosofia contemporânea — a fenomenologia —, a região de ser do ego permaneceu indeterminada. Essa indeterminação ocorre porque, seguindo a fenomenologia husserliana, que atinge o objetivo final da razão no ego que dá sentido às coisas, observa-se uma ruínosa e prolongada subordinação da ontologia à egologia, sem questionar o ser deste próprio ego (LIPSITZ, 2005, p. 150). Ora, contra esta subordinação da ontologia à egologia, Henry inverte o objeto de investigação: a pesquisa sobre a região de ser do ego não deve partir do ego, mas antes do ser deste ego.

Assim, o objeto real de uma primeira investigação não deve ser o ego em si, mas o ser do ego ou, mais precisamente, o ser no qual e por meio do qual o ego pode vir a existir e adquirir seu próprio ser. É por isso que o início cartesiano não é “radical”, pois só é possível em um fundamento que ele não explicitou e que é mais radical do que ele próprio¹⁰ (HENRY, 2011, p. 3, tradução nossa).

Esse começo cartesiano, que não atinge sua radicalidade, é algo que também se observa na fenomenologia de Husserl. A fenomenologia husserliana enfatiza fortemente o princípio da *intuição doadora originária*. Por meio dessa intuição, o ego realiza a experiência sempre em um horizonte de presença, onde as coisas aparecem e se revelam a ele. No

⁹ *L'Essence de la manifestation. Le problème de l'être de l'ego et les présuppositions fondamentales de l'ontologie* (HENRY, 2011, p. 1).

¹⁰ “Ainsi, le véritable objet d'une recherche première ne devrait-il pas être l'ego lui-même, mais l'être de l'ego ou, plus précisément, l'être dans et par lequel l'ego peut surgir à l'existence et acquérir son être propre. C'est pourquoi le commencement cartésien n'est point “radical”, car il n'est possible que sur un fondement qu'il n'a pas explicité, et qui est plus radical que lui.”

entanto, embora a *redução transcendental* de Husserl revele o que aparece no horizonte do ego, ela não revela o ser como a condição que possibilita ao ego fazer a experiência e constituir sentido. Portanto, se a radicalidade da redução não consegue trazer à luz o ser do ego, que outro modo de revelação poderia fazê-lo? Haveria um método alternativo à fenomenologia? Segundo Michel Henry, o ser não se revela à luz: ele não precisa ser elucidado.

Certamente não há necessidade de “elucidar” o ser do fundamento, mas o método fenomenológico não pode ser reduzido ao processo de elucidação, que deve deixar de ser entendido em um sentido unilateral. *A fenomenologia é, antes, uma crítica de toda revelação*, de suas diferentes formas e de suas condições fundamentais. É nesse sentido que ela tem significado universal¹¹ (HENRY, 2011, p. 55, tradução nossa, grifo da edição francesa).

Não elucidar o ser do fundamento não significa que ele não seja revelado. O ser se revela, mas não no sentido de trazer à luz da revelação do horizonte do ego ou do mundo, e é neste sentido que Michel Henry compreende a fenomenologia como uma crítica de toda revelação transcendente¹². Husserl se compromete com a crítica da revelação e das condições fundamentais de como o ego experimenta o mundo, mas esquece da condição mais originária que se revela por si mesma e que, por sua própria essência, sem referência à exterioridade do mundo, possibilita o ego: a região de ser que é a Vida revelada pela essência compreendida como Afetividade. Henry apresenta essa ideia em seu texto “*Qu’est-ce que cela que nous appelons la vie?*”¹³:

A vida se afeta, é para si, sem se propor a si mesma na objeção da *ek-stasis*, ela se sente sem que isto seja pela intermediação do sentido, de um sentido interno nem de um sentido qualquer em geral [...] O que se sente e se faz a experiência de si mesma, sem que isso seja pela intermediação de um sentido é, em sua essência, afetividade. A afetividade é a essência originária da revelação, a autoafecção

¹¹ “Point n'est besoin, sans doute, d' "élucider" l'être du fondement, mais la méthode phénoménologique ne se réduit pas au processus de l'élucidation, celle-ci doit cesser de s'entendre en un sens unilatéral. La phénoménologie est plutôt une critique de toute révélation, de ses différentes formes et de ses conditions fondamentales. C'est dans ce sens qu'elle a une signification universelle.”

¹² Pode-se entender que a principal obra de Michel Henry, *L'Essence de la manifestation* (2011), realiza uma crítica a todo modo de revelação mediado pela exterioridade, isto é, pela luminosidade da transcendência. Além de uma crítica, Henry visa mostrar um outro modo de revelação que não depende da mediação da exterioridade e nem da luminosidade da transcendência. Tal revelação se efetua de modo imanente, isto é, uma autorrevelação.

¹³ Este texto encontra-se na coletânea de textos reunidos chamada “*Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie*” (2003), nas páginas 39-58.

fenomenológica do ser e seu surgimento primeiro¹⁴ (HENRY, 2003, pp. 49-50, tradução nossa).

Na fenomenologia de Michel Henry, Afetividade e Vida são essencialmente a mesma coisa. Essa região de ser não depende da mediação e da constituição de um sentido para *ser*; ela mesma é o seu próprio sentido como *autoafecção*. Na terminologia henryana, *autoafecção* significa que a Vida experiencia a si mesma (*s'épreuver*), independentemente de qualquer ato intencional ou mediação da consciência. Ela se autofecta e se prova independentemente de um sentido exterior. Há aqui uma imediação do *sentir-se a si mesmo* que antecede qualquer consciência, qualquer ego transcendental. A Vida, em sua essência, se autorrevela; ela é um *autoaparecer*.

Mas o que significa dizer que a Vida é um *autoaparecer*? Diferente do conceito husserliano, em que aquilo que aparece ao ego está mediado por um horizonte de luminosidade denominado como *transcendência*, Michel Henry propõe que a Vida não depende do ego para *ser* e *aparecer*. A Vida, pelo contrário, não deve seu aparecer ao ego ou ao mundo. Como foi exposto, seu modo de revelação não deve nada à luz da exterioridade, o que significa que ela é uma dimensão de imanência radical¹⁵ (HENRY, 2003, p. 48).

Porquanto possamos pensar esta imanência, ela significa, por conseguinte, a exclusão de toda exterioridade, a ausência deste horizonte transcendental de visibilidade no qual toda coisa é suscetível de tornar-se visível e que denominamos mundo. A vida é invisível¹⁶ (HENRY, 2003, p. 48, tradução nossa).

A Vida se autofecta e se prova através de experiências como o sofrimento ou a alegria, que são tonalidades afetivas inerentes a si mesma. Essas tonalidades não aparecem a um ego; elas são anteriores a ele e se manifestam por si mesmas, sem nenhuma mediação.

¹⁴ “La vie s'affecte, est pour soi, sans se proposer à elle-même dans l'objection de l'ekstase, elle se sent sans que ce soit par l'intermédiaire d'un sens, du sens interne ni d'un sens quelconque en général [...] Ce qui se sent et s'éprouve soi-même, sans que ce soit par l'intermédiaire d'un sens, est dans son essence affectivité. L'affectivité est l'essence originaire de la révélation, l'auto-affection phénoménologique de l'être et son surgissement premier.”

¹⁵ Importante destacar a diferença entre o conceito de imanência em Henry e em Husserl: enquanto a imanência na fenomenologia de Husserl é referida à esfera imanente da consciência no sentido transcendental, a dimensão de imanência radical em Michel Henry refere-se a uma região ontológica heterogênea que é a Vida absoluta. Essa região ontológica é o que possibilita a imanência da consciência na fenomenologia da Vida de Michel Henry.

¹⁶ “Pour autant que nous puissions penser cette immanence, elle signifie donc l'exclusion de toute extériorité, l'absence de cet horizon transcendantal de visibilité où toute chose est susceptible de devenir visible et qu'on appelle le monde. La vie est invisible.”

Embora haja uma dicotomia dessas tonalidades afetivas, que são positivas e negativas, sofrimento e alegria encontram-se como unidade na estrutura da *autoafecção*. Nas palavras de Roberto J. Walton em seu texto “*Autoafección y acontecimiento*”:

Agora, ao sofrer e suportar a si mesma, a vida experimenta a si mesma e, assim, chega a si mesma. E, assim, ela se torna o que é, toma posse de si mesma e cresce na alegria de si mesma. O sofrimento da subjetividade é, ao mesmo tempo, uma alegria de si mesma, no sentido de um mergulho na vida e da tomada de posse de si mesma, ou seja, de uma comunhão com seu próprio ser. O sofrimento é alegria porque nele o ser dado a si mesmo é realizado (WALTON, 2016, p. 29).

Cabe ressaltar que, quando Michel Henry fala de Vida, ele não se refere à vida no sentido biológico. A Vida é atrelada ao seu sentido fenomenológico. Ou seja, uma vez que ela se refere a esse modo fundamental de revelação que é um *autoaparecer* (SEYLER, 2023, p. 221), deve ser distinta do modo de aparecer da exterioridade, em que reside a vida em seu significado biológico. Para Henry, a Vida é o princípio de todas as coisas (HENRY, 2009, p. 33). Ela é o fundamento e origem de tudo que existe e é possível. Falar da vida biológica, conforme compreendida pelas ciências, só é possível devido a esta região de ser que é a *Vida transcendental*.

Nosso objetivo até aqui foi esclarecer o que Husserl não conseguiu com sua redução fenomenológica radical, isto é, identificar a região ontológica da Vida por meio da Afetividade. Desencantar o ego transcendental não significa diminuir a sua importância, mas sim fornecer-lhe um fundamento sólido. A próxima tarefa é entender como o ego é constituído, ou seja, o seu *nascimento transcendental*.

4 Passividade e Nascimento do ego transcendental

A região ontológica da Vida é compreendida através de seu modo próprio de revelação, que não necessita da luminosidade da exterioridade e nem da doação de sentido proporcionada por um ego. Através da Afetividade como *autoafecção*, a Vida manifesta-se a si mesma na dicotomia das tonalidades afetivas que a engendram. No entanto, essa dicotomia não é algo que a Vida escolhe; ela não escolhe sofrer ou se alegrar. Essas tonalidades afetivas operam nela em uma estrutura de *passividade*. Se quisermos entender como o ego é constituído por essa região ontológica, é necessário compreender essa *passividade* que está na interioridade da Vida.

Na quarta seção de *L'Essence de la manifestation*¹⁷, no §53, intitulado “*L'affectivité comme passivité ontologique originaire et l'effectivité de son essence dans le 'souffrir'*”, Michel Henry define a *passividade* como aquilo que está entregue a si mesmo. Ou seja, está ligado a si na incapacidade de romper tal vínculo, da impossibilidade de recusar o que é mais íntimo ao ser no experienciar-se a si mesmo, o que o constitui na *autoafecção* (HENRY, 2011, p. 585). Quando pensamos essa *passividade* na interioridade da Vida, significa que ela é passiva a si mesma em sua própria essência, como uma impotência de mudar o sentimento que a afeta, sem distância alguma, como no sofrimento na sua imediatez patética¹⁸.

A impotência do sentimento que se anuncia no sofrimento e resulta dele é, ao contrário, a impotência do sentimento em relação a si mesmo, sua impotência para romper o elo que o une a si mesmo, o elo da identidade em que seu conteúdo lhe é dado como o que ele é. A impotência do sentimento diz respeito à sua estrutura interna, o sofrimento dentro dele como o próprio sofrimento, uma determinação eidética. Como tal, ela diz respeito a todos os sentimentos, não pode ser reduzida a uma tonalidade específica, nem pode ser transformada em outra¹⁹ (HENRY, 2011, p. 592, tradução nossa)

No sofrimento, a *passividade* se realiza plenamente na Vida, manifestando-se de forma que não deve nada à exterioridade ou a qualquer visada, mas surge como algo intrínseco, como uma *autodoação*. Nessa *autodoação*, o sofrimento ocorre na esfera de imanência radical, caracterizando-se por uma imediatez patética, no qual se torna impossível recusar algo que pertence essencialmente à própria Vida. Enquanto determinação eidética, o sofrimento é um *sofrer originário*, em que a possibilidade de uma alegria não se contrapõe ao sofrimento, mas se revela idêntica a ele. Isso ocorre porque, na interioridade da Vida, não há diferença entre essas tonalidades afetivas, sendo que é justamente na passividade absoluta do sofrimento que a alegria encontra sua realização (HENRY, 2011, p. 594).

Introduzido o conceito de *passividade* e sua relação com a Vida, podemos agora explorar a questão do nascimento transcendental do ego. Se a Vida se autoafeta e faz a

¹⁷ *L'Essence de la manifestation. Interprétation ontologique fondamentale de l'essence originaire de la révélation comme affectivité* (p. 573).

¹⁸ O termo “patética” no contexto do projeto fenomenológico de Michel Henry, é usado para se referir ao conceito de *pathos*. *Pathos* significa Afetividade, conceito introduzido na segunda parte deste artigo.

¹⁹ “L'impuissance du sentiment qui s'annonce dans le souffrir et en résulte est au contraire l'impuissance du sentiment vis-à-vis de soi, son impuissance à rompre le lien qui l'attache à lui-même, le lien de l'identité où son contenu lui est donné comme ce qu'il est. L'impuissance du sentiment concerne sa structure interne, le souffrir en lui comme se souffrir soi-même, c'est une détermination eidétique. Comme telle, elle concerne tout sentiment, ne se laisse pas réduire à une tonalité particulière et ne peut non plus se muer en une autre.”

experiência de si passivamente, dessa *autoafecção* em sua essência é onde se encontra a possibilidade e fundamento de um ego enquanto vivo. A Vida fenomenológica é o antes, é o Começo originário (KUHN, 2010, p. 17) e do qual o ego é gerado. Nas palavras de Michel Henry, em seu texto *Phénoménologie De La Naissance*²⁰ (2003), o ego vem ser o que é a partir do *nascimento transcendental*.

Vir à vida significa vir da Vida, de tal forma que a Vida não é, se é que podemos dizer assim, o ponto de chegada, mas o ponto de partida do nascimento. Esse enraizamento de todo nascimento como *Ur-nascimento* na essência anterior da Vida explica por que o homem como um ser vivo - não o homem intramundano, o ente homem dotado do caráter de estar vivo, mas o verdadeiro homem cuja essência inteira é viva - por que esse homem original a quem nos referiremos antecipadamente como o ego vivo, não é, entretanto, nada original, nada que possa ser compreendido a partir de si mesmo, mas apenas a partir dessa essência de Vida que eternamente o precede no próprio processo pelo qual ele nunca cessa de engendrar-lo como o que necessariamente resulta dele, pelo qual ele nunca cessa de dar à luz a ele²¹ (HENRY, 2003, p. 132, tradução nossa).

Deste modo, fica claro que a essência e a constituição de um ego não dependem dele mesmo, mas de algo que o antecede. O que o antecede e lhe concede a propriedade de estar vivo, poder doar sentido e significatividade às coisas que aparecem na exterioridade, é a Vida em seu sentido fenomenológico. A partir dessa, um ego é concebido não como originário, mas encontra seu fundamento nesta região ontológica que o precede e nunca deixa de engendrar-lo. Sendo engendrado por ela, quando a Vida se prova a si mesma em sua imediatez patética pelo sofrer ou alegrar-se, o ego que é constituído deste nascimento também se prova na essência da afetividade como uma violência. Nas palavras de Rolf Kuhn:

Este nascimento é sofrido ou experienciado por mim, por cada eu, num sentido absoluto, dado que eu estou inevitavelmente na vida, gerado por ela, sem nenhuma iniciativa da minha parte, o que implica que não há nenhuma fuga ou protecção possíveis a seu respeito. Esta violência primeira e última enquanto possibilidade radical não diz, por conseguinte, outra coisa senão o Facto absoluto

²⁰ Este texto encontra-se na coletânea de textos reunidos chamada "*Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie*" (2003), nas páginas 123-142.

²¹ "Venir dans la vie veut dire venir de la vie, de telle sorte que la vie n'est pas, si l'on peut s'exprimer ainsi, le point d'arrivée mais le point de départ de la naissance. Cet enracinement de toute naissance en tant que Ur-naissance dans l'essence préalable de la vie explique pourquoi l'homme en tant que vivant - non pas l'homme intramondain, l'étant-homme pourvu de ce caractère d'être vivant, mais l'homme véritable dont toute l'essence est le vivre - pourquoi cet homme originel que nous désignerons par anticipation l'ego vivant, n'est cependant rien d'originaire, rien qui puisse se comprendre à partir de lui-même mais seulement à partir de cette essence de la vie qui le précède éternellement dans le procès même par lequel elle ne cesse de l'engendrer comme ce qui en résulte nécessairement, par lequel elle ne cesse de lui donner naissance."

de “me” receber, na minha própria origem, de uma maneira puramente passiva, sem que eu tenha desenvolvido a menor actividade (KUHN, 2010, pp. 17-18).

Observa-se que no nascimento, que agora podemos chamar de *nascimento transcendental*, o ego encontra-se em uma posição de passibilidade radical. Passibilidade radical porque não há nenhuma mediação de sentido ou qualquer atividade do ego com o seu nascimento, ele está entregue na impossibilidade da recusa desta violência que é a sua condição de possibilidade transcendental.

Antes de haver um ego, há um “me” e é a partir deste que um ego surge, pois no experienciar-se a si mesmo no *nascimento transcendental* da Vida, o “me” indica a passibilidade radical. Indica porque não há nenhuma atividade e nenhum poder; é possível um ego porque a Vida, a partir do *nascimento transcendental*, “me” coloca no acusativo. Isso expressa o engendramento do ego na Vida, não tendo trazido a si mesmo para a condição na qual ele experimenta a si mesmo como um eu, mas mantendo essa condição apenas a partir da eterna autoafecção da vida (HENRY, 2003, p. 134). Neste sentido, o ego é atravessado por esta Vida ontológica em seu nascimento, ele é para si mesmo idêntico ao seu fundamento e se prova sem que seja a fonte desta experiência.

Um outro aspecto que auxilia na compreensão deste ego que é gerado por este fundamento diz respeito à linguagem. Na fenomenologia husserliana, a linguagem está sempre em referência ao mundo, jamais sendo reduzida. Nessa referência à exterioridade, em um fora-de-si, um ego constitui sentido e se define. Tal linguagem opera no registro do *Logos*, em sentido grego enquanto Discurso, isso é, aquilo que é manifestado/revelado se torna fundamentado e trazido à luz da exterioridade por um dizer que é alheio à sua manifestação. Deste modo, parece que, na fenomenologia de Husserl, a linguagem não possui uma homogeneidade com o ego; esse ego se define e constitui sentido por uma linguagem que é referente a objetos, à objetividade.

Observando este detalhe na linguagem husserliana²², Michel Henry, em seu texto *Phénoménologie Matérielle et Langage (ou Pathos et Langage)*²³, reformula a concepção de *Logos*: não mais no sentido grego, mas como uma linguagem da Vida na própria dimensão de

²² Não somente na linguagem husserliana, mas pode-se dizer que no texto *Phénoménologie Matérielle et Langage (ou Pathos et Langage)*, Michel Henry está respondendo à Husserl e Heidegger.

²³ Este texto encontra-se na coletânea de textos reunidos chamada “*Phénoménologie de la vie: Tome III, De l’art et du politique*” (2003), nas páginas 325-348.

imanência radical em que ela nunca cessa de se dizer a si mesma, pois a Vida está sempre se autoafectando. Se a Vida é *Logos*, quando ela se autoafeta, ela está sempre se dizendo.

Com base nas propriedades fenomenológicas da Vida, podemos compreender *a priori* a essência dessa outra linguagem (que se baseia na autorrevelação da Vida e que geralmente é obscurecida) como a própria maneira pela qual a vida se revela em sua autorrevelação. *Pois a maneira pela qual a Vida se revela é a maneira pela qual ela fala*. E, na medida em que revela em sua autorrevelação, sem começar fora de si mesma na diferença do mundo, então, em oposição a qualquer outra linguagem, que está sempre relacionada a um referente exterior a si mesma, a fala que a Vida fala apresenta a extraordinária característica de nunca falar a não ser de si mesma²⁴ (HENRY, 2003, p. 335, grifos da edição francesa, tradução nossa).

Essa concepção de *Logos*, que Henry denomina como linguagem da Vida, não se limita à linguagem no sentido comum construída a partir de signos e significados. A linguagem da Vida é anterior à linguagem do mundo, e é somente a partir dela que é possível construir uma linguagem que é referente à exterioridade. Pois esta segunda linguagem não se constitui por si mesma, ela depende desta linguagem mais primitiva. Ora, se essa linguagem mundana é dependente desta primeira linguagem, então um ego também é dependente: como foi dito, aquilo que é manifestado e revelado pela Vida é idêntico a si mesma; se a Vida diz a si mesma, então ela se diz a um ego. Como ela se diz a este ego? Por meio de sua *autoafecção*.

O que o Discurso original da Vida diz a cada ser vivo é, portanto, a sua própria vida. Assim, é possível reconhecer essa fala em cada ser vivo ou em cada uma das modalidades de sua vida. Consideremos o sofrimento que sinto. O sofrimento não diz, por exemplo, que 'eu sofro, alguém é culpado', o que nos faz pensar que devemos acrescentar, em última instância, alguma causa ou algo do gênero ao sofrimento que sentimos. Em sua nudez, em sua ingenuidade, em sua total exposição, em seu experienciar-se de si, o que o sofrimento diz é ele mesmo e nada mais²⁵ (HENRY, 2003, p. 337, tradução nossa).

²⁴ "Cet autre langage, le plus souvent occulté, qui repose sur l'autorévélation de la vie, il est permis d'en saisir a priori l'essence à partir des propriétés phénoménologiques de la vie comme la façon même dont elle révèle en son autorévélation. Car la façon dont la vie révèle, c'est celle dont elle parle. Et pour autant qu'elle révèle en son autorévélation, sans se mettre hors de soi dans la différence d'un monde - alors, contrairement à tout autre langage, lequel se rapporte toujours à un référent extérieur à lui, la parole que parle la vie présente le caractère extraordinaire qu'elle ne parle jamais que de soi."

²⁵ "Ce qui dit la Parole originelle de la vie à tout vivant, c'est donc sa propre vie. Aussi est-il possible de reconnaître cette parole en chaque vivant ou en chacune des modalités de sa vie. Considérons la souffrance que j'éprouve. Elle ne dit pas, par exemple : 'Je souffre, quelqu'un est coupable' - laissant à la pensée de soin d'adjoindre ultérieurement à ce qu'elle éprouve quelque cause ou considération de ce genre. Ce qu'elle dit, en sa nudité, en sa naiveté, en son total dépouillement, en sa pure épreuve de soi, c'est elle-même et rien d'autre."

Observa-se agora que o nascimento, passividade e linguagem no sentido que Michel Henry compreende, se relacionam: i) o ego não possui distância alguma ao seu fundamento, estando sempre engendrado e entregue a si mesmo em uma passividade radical; ii) a partir dessa passividade, unida ao sofrer originário pela *autoafecção*, ocorre a receptividade do nascimento transcendental deste ego. O ego, assim como a Vida é passivo a si mesmo; iii) a Vida, agora compreendida como *Logos*, diz a si mesma sempre pela *autoafecção*. Este dizer é fundamental, pois na medida em que um ego sofre ou se alegra, a Vida está se comunicando consigo mesma. Este dizer que precede o ego ilustra que ele é um sujeito padecente, sendo acusado desta condição de passividade por esta Vida que sempre o atravessa e se revela por meio da afetividade antes de qualquer tomada de consciência ou atividade. O ego engendrado nesta Vida, nunca cessa de nascer, em cada aspecto da sua vida e em cada experiência de sofrimento ou fruição, a Vida se diz a ele em uma linguagem impressional²⁶.

5 Considerações finais

O caminho percorrido até aqui foi o de analisar e apresentar aquilo que Michel Henry observou como uma insuficiência na fenomenologia de Edmund Husserl, isso é, o problema do fundamento do ego transcendental. A fenomenologia husserliana opera a partir do ver, na abertura pela intencionalidade em que a consciência é sempre direcionada a algo e constitui sentido. Nessa constituição, o sentido das coisas é dado antes de seu ser, o que significa que a ontologia é subordinada à egologia. Subordinando a ontologia à egologia, Husserl mantém um certo cartesianismo, uma vez que essa *consciência transcendental* é identificada como ego transcendental. Pois é o fundamento; é para ele que as coisas aparecem em seu horizonte, as diversas regiões de ser são dotadas de significatividade e sentido a partir deste ego transcendental.

Deste modo, na fenomenologia husserliana o fundamento do ego transcendental é fundamentado nele mesmo, uma vez que na gênese, ele capta-se a si mesmo originariamente por seus atos intencionais. Neste fundamento, Michel Henry questiona:

²⁶ Para Michel Henry, a linguagem impressional é considerada a mais imediata e próxima da interioridade da Vida. Diferente de uma linguagem discursiva que manifesta e diz algo referente a um horizonte de significatividade, a linguagem impressional opera sem referências a um horizonte. Segundo Henry, a Vida quando se prova em sua auto-afecção, já está se dizendo por meio dessa linguagem imediata e sem distância que é a impressão.

como o ego é dado a si mesmo? O que permite que o ego transcendental seja capaz de constituir sentido e de efetuar a redução fenomenológica?

O que permaneceu obscuro, segundo Henry, foi a natureza do ego transcendental. Isso o leva, no decorrer de suas obras, tomando como ponto de partida sua obra principal *L'Essence de la manifestation*, uma investigação acerca do ser do ego. Tal investigação não parte de uma egologia, mas sim da ontologia. Aquilo que antes era subordinado à egologia, agora é o que antecede toda investigação fenomenológica.

Nesta investigação, Michel Henry encontra o fundamento do qual um ego é possível: uma região ontológica que é uma dimensão de imanência radical denominada Vida. Esta região ontológica, que não deve nada à exterioridade e à luminosidade, revela-se por si mesma como autorrevelação por sua própria essência, que é a Afetividade. Por essa essência própria da Vida, ela se autoafeta na ditocomia de suas tonalidades afetivas negativas ou positivas, que não são opostas entre si, mas se encontram em uma síntese, isto é, são idênticas. Tudo o que é revelado por este fundamento é idêntico a ele, assim como o ego transcendental. O ego não se constitui por si mesmo; ele deve sua constituição ao *nascimento transcendental* da Vida fenomenológica que o atravessa, sem que ele possa tomar qualquer tomada de posição a respeito. A (des)centralização do ego transcendental não significa abdicar daquilo que Husserl fundamentou muito bem em todas as suas obras, mas significa mostrar um fundamento tão primordial do qual um ego é secundário e gerado passivamente.

Além de mostrar que o ego é secundário e há algo que o antecede, podemos concluir que a Fenomenologia da Vida de Michel Henry ao longo de suas obras, não é uma fenomenologia do ego. Embora sua fenomenologia possa tratar de uma experiência que não possui referência alguma à exterioridade, mas voltada para si mesma, ela é, antes de tudo, uma fenomenologia do ser.

Referências

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Tradução de Fábio dos Santos. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

FURTADO, José Luiz. *Verdade na fenomenologia de Husserl*. - Ouro Preto : Editora UFOP, 2019.

GALEFFI, Dante Augusto. O QUE É ISTO — A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL? *Ideação*, Feira de Santana, n. 5, p.13-36, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://unilago.com.br/download/arquivos/30194/fenomenologia.pdf>>. Acesso em: 23 de julho, 2024.

HENRY, Michel. *Fenomenología Material*. Madrid: Ed. Encuentro, S.A., 2009.

_____. *L'essence de la manifestation*. 4a ed. Paris: Presses universitaires de France, 2011.

_____. *Phénoménologie de la vie: Tome I, De la phénoménologie*. 1re éd. Paris: Presses universitaires de France, 2003. (Epiméthée).

_____. *Phénoménologie de la vie: Tome III, De l'art et du politique*. 1re éd. Paris: Presses universitaires de France, 2003. (Epiméthée).

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia: cinco lições*. Tradução de Marloren Lopes Miranda. 1a ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2020.

_____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. 1a ed. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2006.

_____. *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. Libro segundo: investigaciones fenomenológicas sobre la constitución. Traducción de Antonio Ziri6n Q. Universidad Nacional Aut6noma de M6xico, 1997.

_____. *Investiga66es l6gicas: segundo volume parte I: investiga66es para a fenomenologia e a teoria do conhecimento; tradu666o de Pedro M. S. Alves e Carlos Alberto Moruj66o*. - Rio de Janeiro: Forense. 2015.

_____. *Medita666es cartesianas e confer666ncias de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I; tradu666o de Pedro M. S. Alves*. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Forense, 2013.

KUHN, Rolf. *Ipseidade e Praxis Subjectiva: Abordagens fenomenol6gicas e antropol6gicas segundo o pensamento de Michel Henry*. Tradua666o de Jos6 Rosa. et. al. 1a ed. Lisboa: Edi6666es Colibri, 2010.

LIPSITZ, Mario. Ontol6gia y fenomenol6gia en Michel Henry. *Revista Enfoques*, v.17, n. 2, p. 149-158, 2005. Disponível em: <<https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/revistaenfoques/article/view/307>>. Acesso em: 22 de julho, 2024.

MURALT, Andr6 de. *A metaf6sica do fen6meno: as origens medievais e a elabora666o do pensamento fenomenol6gico; tradu666o de Paula Martins*. - S6o Paulo: Editora 34, 1998.

SEYLER, Fr6d6ric. Democracia e religi6o na fenomenologia da vida de Michel Henry. *Estudos Teol6gicos*, v. 63, n. 01, 2023. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/2237>. Acesso em: 24 de julho, 2024.

WALTON, J. Roberto. Autoafección y acontecimiento. In: LIPSITZ, Mario; BELVEDERE, Carlos. *Problemas de fenomenología material: Investigaciones en torno a la filosofía de Michel Henry*. 1a ed. - Los Polvorines : Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

Recibido em: 08/08/2024

Aprovado em: 20/10/2024

Publicado em: 29/11/2024